



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO DO ENSAIO *A MULHER SADIANA* DE ANGELA CARTER
(SOME CONSIDERATIONS ABOUT THE TRANSLATION OF THE ESSAY *A MULHER SADIANA* BY ANGELA CARTER)

Cleide Antonia RAPUCCI (UNESP/Assis)

ABSTRACT: *This paper presents two issues concerning the translation of the essay The Sadeian Woman by Angela Carter: the “translation of the body” (a transgressive approach to sexuality) and Carter’s expressive use of English, such as puns, wordplay and idioms that challenge the translator.*

KEYWORDS: *Angela Carter; The Sadeian Woman; translation, translation and gender; feminism.*

0. Introdução

Angela Carter, escritora inglesa falecida em 1992, começa a ser conhecida no Brasil, onde traduções de quatro de suas obras já foram publicadas. Recentemente concluímos o projeto de tradução de *The Sadeian Woman: an Exercise in Cultural History* (1978), um importante ensaio de crítica literária feminista em que Carter analisa as personagens femininas criadas por Sade e as implicações que essa visão da mulher trouxe para gerações posteriores.

The Sadeian Woman é o segundo livro mais traduzido da autora (alemão, dinamarquês, espanhol, francês, holandês e italiano), mas ainda não teve uma tradução para o português publicada. A tradução que efetuamos foi um projeto de pesquisa trienal desenvolvido como parte de nossas atividades na Universidade e tem como um de seus objetivos estabelecer a importância deste ensaio no conjunto da obra carteriana, especialmente para a crítica literária feminista, bem como divulgar a obra não-ficcional de Carter em nosso contexto cultural.

Falar do exercício de tradução é tornar visível uma atividade que muitas vezes permanece como meio e não como fim. Quando se trata da tradução de um texto feminista, a questão torna-se ainda mais complexa. Nosso propósito aqui é expor nosso trabalho de prática de tradução de um texto feminista, embasados nos pressupostos teóricos de Luise von Flotow em *Translation and Gender: Translating in the ‘Era of Feminism’* (1997).

Dois aspectos serão enfocados: a “tradução do corpo”, em que o campo semântico da sexualidade abordado de forma transgressora causa sérios problemas ao tradutor e o uso expressivo que Carter faz da língua inglesa, com trocadilhos, jogos de palavras e expressões idiomáticas que desafiam o tradutor. Por meio de passagens representativas, mostraremos as escolhas que fizemos ao trazer para o português este texto que vemos como construtivo para as mulheres e o feminismo.



1. Fundamentação Teórica

Luise von Flotow (1997) afirma que as tradutoras de textos influenciados pelo pensamento feminista têm de lidar com enormes desafios técnicos nas traduções, devido à natureza experimental dessas obras. As escritoras feministas têm procurado e desenvolvido vocabulário para partes censuradas ou denegridas da anatomia feminina, como também tentado criar uma escrita erótica que atraia as mulheres. Dessa forma, a sexualidade e o erotismo das mulheres, descritos do ponto de vista da mulher, tornaram-se uma área favorita de experimentação na escrita feminista.

Contudo, observa Von Flotow, traduzir esta “escrita do corpo” causa problemas distintos de escolha de palavras e abre os olhos das tradutoras para as limitações de sua própria língua, levantando também questões de auto-censura e “decoro”, pois enquanto um grupo pode encarar a “escrita do corpo” como um meio de fazer progresso político, um outro pode ser adverso, mesmo incapaz, de estabelecer um vínculo entre escrita erótica e política. Dentre os desafios da tradutora, estão os aspectos “sanitizados” que pode encontrar em sua própria língua.

Para Von Flotow, os termos referentes ao corpo sexual das mulheres foram completamente colonizados pelo uso e abuso masculino e o trabalho de recuperar parte deste vocabulário depreciativo e desenvolver novos termos é também trabalho da tradutora. Ela cita Lotbnière-Harwood, para quem a “tradução no feminino é um ato político e um ato de solidariedade feminina”. Traduzir num contexto em que permeia uma abordagem agressiva, transgressora, é sempre “correr o risco”, assumir a provocação ousada do original.

Nessa questão, em que às vezes a tradutora evita tratar o componente sexual polissêmico, fica evidente o problema, de um lado, do poder das mulheres e, de outro, sua alienação umas das outras. Von Flotow aponta que a tradução nem sempre tem sido uma solução.

Outro aspecto a ser considerado é a tradução de trocadilhos em referências culturais. Von Flotow começa citando a escritora Suzanne Jill Levine: “puns are punishment”. “Puns are linked to pain”, afirma Von Flotow e aqui já vemos que a tradução para o português não é nenhuma solução. Assim, para escritoras feministas dos anos 70 como Mary Daly e France Théoret, as mulheres vivem em exílio na linguagem patriarcal, e os trocadilhos expressam sua dor, mas essa é também uma maneira de revidar. Por outro lado, a tradução de trocadilhos (“puns”) tem provado ser uma forma de punição (“pun-ishment”) em muitos trabalhos feministas.

Feministas como Mary Daly criam jogos de palavras com aspectos culturais, inventam neologismos para se referirem a idéias mais ou menos familiares e assim as corroem com humor, ironia e ira. Trocadilhos funcionam bem no original, mas são fonte de sérios problemas na tradução. Em primeiro lugar, as situações culturais são diferentes e, além disso, existem os aspectos lingüísticos dos trocadilhos que simplesmente podem não funcionar na outra língua.

Na tradução da escrita experimental feminista o que freqüentemente acontece é que a tradutora recorre à tradução literal porque quer enfatizar o significado do texto feminista, e assim evita o jogo de palavras e perde o papel de humor e abrandamento que os trocadilhos têm. Isso torna a tradução mais pesada e séria do que o texto fonte.



Von Flotow enfatiza que a tradução literal provém do desejo de não perder sequer uma migalha de informação ou conotação e frequentemente é complementada por notas explicativas do tradutor. Isso faz com que a leitura da tradução seja pesada, mas é também um fator do contexto cultural no qual a tradução é realizada. A tradutora se vê trabalhando pela causa do movimento das mulheres e normalmente ultrapassa os limites da invisibilidade que tradicionalmente definem seu papel.

Von Flotow conclui que a escrita feminista experimental contribuiu muito para a prática da tradução, colocando em primeiro plano a questão do gênero na linguagem e fazendo com que as tradutoras respondessem aos desafios técnicos e teóricos daí resultantes. Ao serem confrontadas com textos repletos de jogos de palavras e sintaxe fragmentada, as tradutoras tiveram de desenvolver métodos criativos semelhantes àqueles das escritoras dos textos-fonte; tiveram de ir além da tradução para suplementar seu trabalho. Na tradução de obras que “escrevem o corpo”, tiveram de lidar com o fato de que em muitas línguas as palavras precisam ser criadas ou recuperadas para nomear e descrever culturalmente aspectos tabu do corpo feminino. Dessa forma, conclui Von Flotow, o trabalho prático de tradução da escrita experimental feminista politizou muitas tradutoras que, face a estes textos, iniciaram muitas das discussões teóricas sobre gênero e tradução.

2. *The Sadeian Woman*: a linguagem a serviço das mulheres

O polêmico ensaio *The Sadeian Woman* foi lançado em N. York em 1978 sob o título *The Sadeian Woman and the Ideology of Pornography* e publicado no ano seguinte em Londres como *The Sadeian Woman: an Exercise in Cultural History*. Carter discute aqui as seguintes obras de Sade: *Justine, ou os infortúnios da virtude*, *Juliette ou as prosperidades do vício*, *Os cento e vinte dias de Sodoma* e *Filosofia na alcova*. Na introdução, Carter define o livro não como um estudo crítico nem como uma análise histórica de Sade, mas uma interpretação, feita no final do século XX, sobre alguns dos problemas que ele levanta acerca da natureza culturalmente determinada das mulheres e das relações entre homens e mulheres que resultam daí.

Alguns críticos, como Palmer (1987), consideram que *The Sadeian Woman* reproduz a atitude heterossexista de Carter, uma vez que a autora não assume uma atitude de indignação frente às atrocidades que Sade descreve em sua ficção. Isso causaria, segundo Palmer, problemas para a leitora feminista.

Já Jordan tem uma visão mais positiva da obra de Carter, incluindo *The Sadeian Woman*. Jordan (1990) defende que o amor é o termo positivo contra o qual as relações sexuais opressivas são definidas em *The Sadeian Woman* (p.20). Para Jordan, tanto no início como no final de *The Sadeian Woman* a liberdade é identificada com o amor.

Jordan (1992) aponta os aspectos que ela vê como construtivos, produtivos, positivos, para as mulheres e o feminismo, na escrita de Angela Carter. O primeiro é o questionamento em sua obra (especialmente na figura de Justine em *The Sadeian Woman*) da posição de sujeito da vítima virtuosa e sua adequação como uma posição a partir da qual se possa resistir à opressão.



Nossa leitura de *The Sadeian Woman* também vai numa direção positiva. Concordamos com os críticos que vêem na obra de Carter aspectos construtivos para as mulheres e o feminismo. Carter realmente acredita que o "pornógrafo moral" não seria o inimigo das mulheres e "põe a pornografia a serviço das mulheres ou, talvez, tenha permitido que fosse invadida por uma ideologia não inimiga das mulheres" (S.W., p.37).

Acreditamos que a escrita de Carter também está a serviço das mulheres. Carter não idealiza a personagem feminina: a heroína carteriana está sempre lutando contra as circunstâncias e sua construção se faz enquanto constrói seu próprio espaço feminino.

Justine e Juliette são muito importantes para o entendimento da mulher carteriana. Em *The Sadeian Woman* ela estuda os dois tipos de mulheres que Sade criou e sua relação com a condição feminina no século XX: a garota virtuosa e indefesa – Justine – e a mulher decaída – Juliette. Justine é o estereótipo da donzela perseguida, da esposa abusada, da vítima desafortunada, enquanto Juliette é a prostituta má, a mulher-monstro, a tirana.

Sade relega as mulheres à classe dos fracos e explorados. Juliette é uma exceção; pela sua força de vontade ela transcende seu gênero, mas está longe do ideal de mulher carteriana. Para Carter, nenhuma das duas presta atenção a um futuro no qual estaria a possibilidade de uma síntese de seus modos de ser, nem submisso nem agressivo, mas capaz tanto de pensamento como de sentimento (S.W., p.79).

3. Tradução não é solução? – Algumas saídas

A escrita do corpo é a linguagem básica de *The Sadeian Woman*, e não só o corpo feminino, mas também o masculino ou simplesmente o corpo humano. *A mulher sadiana* é a linguagem da carne, do corpo, presente também nos trocadilhos, jogos de palavras e expressões idiomáticas.

Carter utiliza propositadamente termos chulos para descrever principalmente a anatomia masculina, mas em relação à anatomia feminina utiliza muitas vezes expressões metafóricas, quase líricas, o que causa um efeito irônico: "The hole is open, an inert space, like a mouth waiting to be filled"(p. 4); "a dumb mouth"(p. 5), "hairy portals"(p. 109). Outras vezes, utiliza a linguagem chula, como em "cunt-cracking".

Irônico também é o efeito conseguido ao utilizar ao mesmo tempo linguagem chula e padrão para se referir ao órgão sexual masculino: "the depersonalised prick, the sublime penis". Ainda que nos acusem de excessivo decoro, preferimos sempre traduzir a linguagem chula pelos termos "oficiais" (vagina e pênis), pois tivemos a preocupação de não vulgarizar a tradução. Obviamente, na linguagem metafórica, optamos por uma tradução literal. "Fuck" foi em geral traduzido por "copular", exceto em uma passagem em que Carter discute a ambivalência da palavra, em seu duplo sentido de relação sexual e espoliação.

A linguagem do corpo está presente também em inúmeras expressões idiomáticas que, ao serem traduzidas tendo em vista o significado, perdem aquela linguagem na tradução: "makes no bones" = "não hesita"; "turns her hand" = "recorre"; "in the teeth of" = "a despeito de"; "puts its nose out of joint" = "atrapalha seus planos"; "flies in the face" = "desafia"; "rack her brains" = "por mais que tente".



Em alguns casos, a linguagem do corpo pôde ser mantida, como em “red in tooth and claw” = “de dentes e garras vermelhas”; “turn on its head” = “virar de cabeça para baixo”; “cuts too near the bone” = “um corte muito próximo do osso”.

Há algumas expressões do universo sadiano que também mantivemos literalmente, para preservar a “intenção sadomasoquista”: “under the lash”= “sob o chicote”(=“sob o domínio”); “rejoice in her chains” = “regozijar-se em seus grilhões”.

Mas o maior desafio que encontramos foi na diferenciação que se faz em inglês entre “flesh” e “meat” (=“carne”), ponto crucial a que Carter alude no decorrer de toda a obra. Decidimos que sempre que houvesse o contraponto “flesh”/“meat”, traduziríamos por “corpo” e “carne”, respectivamente, para estabelecer a diferenciação que o texto propõe, uma vez que em português “flesh” e “meat” significam apenas “carne”. Em passagens em que não havia o contraponto, “flesh” foi sempre traduzido por “carne”. A solução parece-nos funcionar a contento.

Houve alguma necessidade de notas explicativas quando surgiram as expressões “fleshly delights” e “delights of meat”, a segunda uma inovação de Carter. Tivemos de manter aí também a diferenciação “prazeres do corpo” e “prazeres da carne”.

Os trocadilhos e jogos de palavras também nos deram bastante prazer na tradução, contrariando a idéia de dor defendida por Von Flotow. Encontramos soluções como: “man proposes and woman is disposed of, just as she is disposed of in a rape” = “o homem dá as cartas e a mulher é descartada, da mesma forma como é descartada num estupro”.

Pudemos até “melhorar” o original, num feliz acaso tradutório: “Prostitutes are at least decently paid on the nail” = “As prostitutas ao menos são pagas decentemente no ato”.

Também pudemos preservar o trocadilho em “Mother must never be allowed to come, and so to come alive” = “a Mãe nunca deve ter permissão para gozar, e assim gozar a vida”.

Já em “writing that can ‘pull’ a reader just as a woman ‘pulls’ a man or a man ‘pulls’ a woman”, traduzido por “uma escrita que pode ‘tocar’ um leitor, assim como uma mulher ‘toca’ um homem ou um homem ‘toca’ uma mulher, tentamos manter um pouco do “sal trocadilhesco” de que fala Paes (1990), já que “pull” é “atrair” mas também “masturbar”.

4. Conclusão

A linguagem de Carter em *A mulher sadiana* é erótica e a escrita do corpo está sempre presente, inclusive na escolha de trocadilhos, jogos de palavras e expressões idiomáticas. Procuramos valorizar essa linguagem sensorial e acreditamos que, não a tornando vulgar em português, estamos realizando um ato de solidariedade feminina. A linguagem chula em português soaria excessivamente patriarcal.

Ainda assim sabemos que, com esta tradução, assumimos o risco da ousadia e da provocação do original. Mas a literatura de Angela Carter é de fato uma “literatura arriscada”, sobretudo nesta obra em que ela enfrenta o Marquês de Sade. Angela Carter utilizou aqui a linguagem que lhe pareceu mais adequada para lidar com o universo



sadiano. A tradutora travou outra luta com o texto tentando recriá-lo em português com o mesmo vigor.

RESUMO: Este trabalho apresenta duas questões relativas à tradução do ensaio *The Sadeian Woman* de Angela Carter: a tradução do corpo” (o campo semântico da sexualidade abordado de forma transgressora) e o uso expressivo que Carter faz da língua inglesa, com trocadilhos, jogos de palavras e expressões idiomáticas que desafiam o tradutor.

PALAVRAS-CHAVE: Angela Carter; *The Sadeian Woman*; tradução; tradução e gênero; feminismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARTER, Angela. *The Sadeian Woman: an Exercise in Cultural History*. London: Virago, 1979.
- JORDAN, Elaine. Enthralment: Angela Carter’s Speculative Fictions. In: ANDERSON, L. (Ed.) *Plotting Change: Contemporary Women’s Fiction*. London: Edward Arnold, 1990., p. 18-40.
- JORDAN, Elaine. The Dangers of Angela Carter. In: ARMSTRONG, I (Ed.). *New Feminist Discourses: Critical Essays on Theories and Texts*. London, Routledge, 1992, p. 119-31.
- PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária*. São Paulo, Ática, 1990.
- PALMER, Paulina. From 'Coded Mannequin' to Bird Woman: Angela Carter's Magic Flight. In: ROE, S. (Ed.) *Women Reading Women's Writing*. Brighton: Harvester, 1987, p. 177-205.
- VON FLOTOW, Luise. *Translation and Gender: Translating in the 'Era of Feminism'*. Manchester and Ottawa: St. Jerome and U of Ottawa P, 1997.